

---

## PalavrAr-te entrevista a artista e estudante da EBA Fátima Aguiar.

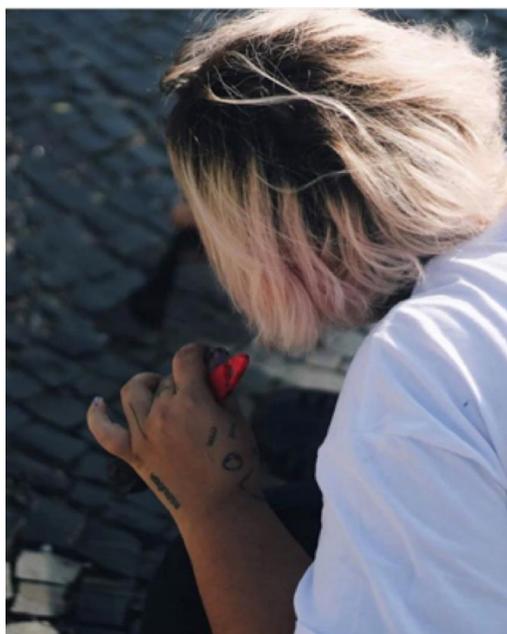
---

[http://146.164.63.47/alexandria\\_wp/palavrarte/](http://146.164.63.47/alexandria_wp/palavrarte/)

Publicado em 8 de dezembro 2019

Fátima Aguiar fala sobre sua “travessia acadêmica” do curso de Geologia para o de Artes e conta como esses dois campos aparecem de forma política em seus trabalhos. Sua produção destaca a importância da reflexão sobre os vestígios que o corpo produz, cotidianamente, dentro de um sistema urbano.

---



“Eu trabalho com tinta asfáltica porque é uma tinta que não sai.”

**PalavrAr-te:** *Como estava a UFRJ quando você entrou na Escola de Belas Artes (EBA)?*

**Fátima:** Entrei na UFRJ em 2012. Mas eu fiz sete períodos de Geologia antes de vir para a EBA. Enquanto eu fazia Geologia, sempre tinha vontade de fazer alguma coisa aqui [na EBA], mas eu nunca tive coragem. A gente entra na universidade muito novo e tem que decidir uma parada tipo: “pra sempre”; e não é assim que as coisas funcionam. Eu também passei pelo incêndio na EBA, foi um momento muito ruim, porque a gente viu que tudo estava tão sucateado a ponto de pegar fogo e ninguém se importar. Até hoje a gente não

tem os andares todos funcionando, tem várias coisas que são muito precárias.

**PalavrAr-te:** *Como você foi descobrindo o que queria tratar dentro do seu trabalho?*

**Fátima:** Eu me interessava, de fato, pela Geologia – eu me interessei por arte também – e foi importante o tempo que eu passei na Geologia, pelo que eu consegui trazer para os meus trabalhos na EBA. Mas, quando eu entrei aqui [na EBA], eu não pensava de maneira nenhuma em misturar essas duas coisas. Eu queria, na verdade, me afastar da Geologia o máximo possível. Sendo que, com o passar do tempo, eu fui percebendo que as duas não estavam separadas, para mim não.

**PalavrAr-te:** *Eu tinha visto, no seu site, que você estudou Geologia. Pensei que fosse só para uma pesquisa específica, não que tinha estudado mesmo Geologia.*

**Fátima:** Foi uma grande doideira na minha vida! Eu terminei o colégio em 2009 e entrei na faculdade de Geologia em 2010, em Cuiabá. Fiquei lá por 1 ano, depois vim para a UFRJ. Só que a gente vai amadurecendo. Chega um momento onde umas coisas vão esbarrando em outras. Fui perdendo o interesse. Eu queria fazer uma parada na EBA, mas não sabia qual. Antes de fazer a prova interna, eu fiz um monte de matérias aqui na EBA para descobrir para qual curso eu viria. Quando eu fiz matéria no curso de escultura eu descobri: “É isso! Eu vou fazer esse curso.”

**PalavrAr-te:** *A grade era muito diferente da que temos hoje?*

**Fátima:** Não, acho que a grade era bem parecida. Entrei em 2016, então eu já peguei o curso funcionando do jeito como ele está hoje, já em outro formato. Essa reformulação que aconteceu no curso de Escultura foi importante não só para os alunos, mas para a Escola de Belas Artes também. É um movimento legal a gente conceber a arte contemporânea, uma abertura legal para outros tipos de produções.

**PalavrAr-te:** *Isso aparece no seu trabalho. Você tem abertura para falar sobre Geologia*

*dentro da área que você está hoje, em Artes.*

**Fátima:** O jeito como eu insiro a Geologia no meu trabalho de Arte, tem mais a ver com política do que com Geologia e Arte, talvez. Porque eu tento entender de que forma a gente existe como configuração urbana e de paisagem; de que forma a gente intervém no espaço, de que forma essa vivência acontece e de que forma eu posso, talvez, brincar com tudo isso. A partir do momento que eu faço intervenções com tinta asfáltica na rua e em espaços privados (que são os outdoors), eu tento entender qual o limite que existe na cidade entre um espaço privado que está num espaço público; até que ponto esse espaço intervém em mim e eu posso intervir nesse espaço. Até onde eu consigo tencionar essa barreira? Até que ponto aquele lugar existe e eu não posso questionar isso? Por que aquele lugar não é meu, se ele está no meio da rua?

Outra coisa: como eu consigo entender o que é o asfalto? Essa coisa que agrega valor ao espaço urbano, que agrega valor à imagem da cidade, que constrói uma paisagem, que delimita espaços e que a gente coloca de uma maneira superexacerbada na superfície terrestre, mundialmente. A gente usa aquilo ali como um artifício, como uma ferramenta, e acha que aquilo ali é só para passar por cima. Por que a gente não questiona nada disso?

Quando eu começo a coletar essas amostras e elevá-las para um status de rocha e de artefato geológico – que eu chamo de “asfaltito” e coloco no museu como se eles estivessem sendo amostras geológicas de fato –, eu carrego essa ideia de *antropoceno*. Vivemos num momento onde a gente conseguiu intervir tanto no espaço que é impossível não deixar vestígio para depois. É sobre essa “mistureba”. A junção disso tudo é esse lugar político.

**PalavrAr-te:** *Como você começou a perceber que queria iniciar essa pesquisa?*

**Fátima:** Na época da ocupação, eu fiz uma performance: eu tomei banho embaixo daquelas famosas *goteiras* que tem ali no primeiro andar. Foi a primeira performance que eu fiz aqui no prédio da EBA. Eu já tinha feito outras, porque também já estudei teatro, mas eu tinha feito em outros lugares, em outros âmbitos. Acho que eu nem pensava nisso como uma feito em outros lugares, em outros âmbitos. Acho que eu nem pensava nisso como uma

performance. Por mais que na época eu não estivesse pensando em nada a ver com Geologia (ou coisa do tipo), tem uma ligação.



**Asfaltito**

**PalavrAr-te:** *Quando eu vi seu trabalho no site, parecia tudo muito conectado.*

**Fátima:** Não tem um jeito de pensar as coisas de modo que venham todas elas, de uma vez só, *lincadas*. Eu só fui ter essa consciência [da relação], quando eu sentei com a Lili (Professora Liliane Benetti) e fui tentar escrever o TCC. Eu ainda falei pra ela: “Cara, acho que eu vou fazer só o trabalho do asfalto, porque talvez esse [outro] negócio que eu fiz não tenha nada a ver.” Mas tinha *tudo* a ver. Não precisa ter essa necessidade de *link*, de ter que encontrar uma poética, tão rápido.

**PalavrAr-te:** *Como você se relaciona com a efemeridade que, a seu modo, faz parte do curso de escultura?*

**Fátima:** Uma coisa eu percebi: não existe nenhuma escolha definitiva. Principalmente quando a gente produz arte, nenhuma escolha que a gente faz é definitiva. Eu não sei se daqui há dois meses vou querer trabalhar com asfalto ou querer pintar a rua. A gente tem que experimentar. Por a gente estar numa academia de artes, a gente está aberto à experimentação. Depois a gente pensa.

**PalavrAr-te:** *No seu trabalho, o seu corpo funciona quase como um material adicional. Como você entende a atuação do seu corpo no seu trabalho?*

**Fátima:** Na primeira vez que eu trabalhei com o corpo, talvez tenha sido porque eu não tinha dinheiro pra comprar o material. Existe isso também. O que eu posso fazer aqui, com zero reais? O corpo é uma ferramenta superpotente e esses trabalhos que eu faço são superdesgastantes. Eu já fiz um trabalho que virou um texto só. Eu andei da minha casa – eu moro em Guadalupe – até aqui tentando chegar no horário da aula. Eu cheguei aqui esbaforida. Eu estava imunda. São em trabalhos desgastantes, onde eu tento entender que corpo é esse e que espaço é esse, o que ele ocupa.

Eu costumo passar pela Avenida Brasil sempre. Meu corpo está ali, mas ele está em outro estado, em outro momento, em outro lugar. Passar por aquele lugar a pé foi super legal, foi onde eu comecei a desencadear tudo que eu fiz na Avenida Brasil. Os outdoors que eu pinto estão na Avenida Brasil, os primeiros asfaltos que eu coletei eram da Avenida Brasil.



**Asfaltitos**

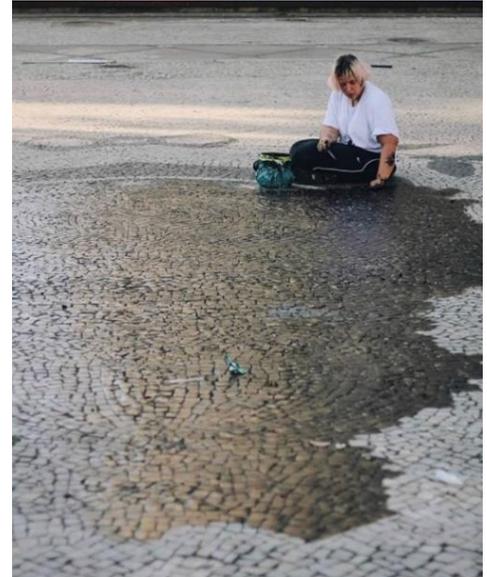
**PalavrAr-te:** *Ouvindo você e vendo seu trabalho, penso muito em uma Geografia. Você vê o seu corpo como um elemento geográfico no espaço que ele ocupa?*

**Fátima:** O corpo constrói e destrói territórios o tempo inteiro; não só com o corpo, mas com todas essas coisas que eu uso e que estão em volta. Os outdoors, o asfalto: isso é geográfico. Tudo isso é construção urbana, tudo isso é experiência que a gente tem na

cidade e toda vivência que a gente tem aqui. O meu corpo está inserido nesse lugar, que é geográfico, que é geológico e que é artístico.



**Outdoors**



**Sem título**

**PalavrAr-te:** *Os materiais que você usa são diferentes. Como você começou a perceber que eles estavam aparecendo no seu trabalho?*

**Fátima:** Eu uso poucos materiais. A maioria dos materiais que eu uso são o asfalto e a tinta asfáltica. Já fiz algumas coisas com conduíte e com cimento também. Eu percebi esses materiais aos poucos, à medida que as coisas iam acontecendo e que eu ia fazendo. A primeira coisa que eu usei como material foi o asfalto.

Eu passava na [Avenida] Brasil sempre e tem aquela obra do BRT que é infinita. Tinha uma época que eles tinham só revirado tudo e tinha um *monte* de asfalto solto. Eu passava ali e pensava assim: “Cara, eu preciso pegar esse negócio antes que alguém jogue fora, antes que alguém leve embora!”. Um dia fui lá com meu irmão, a gente enfiou um monte de asfalto no carro e foi embora. Depois eu comecei a tentar entender o que eu tinha feito. No meio da madrugada, peguei um monte de asfalto e enfiei no carro; só porque eu achava aquilo ali belíssimo! Eu olhava e falava assim: “Nossa, brilha! É muito bonito! Vou levar!”. Fiquei em

casa olhando para aquelas coisas e entendi: “Cara, isso aqui são rochas! São amostras! Como eu trabalho isso?”

A partir daquele momento, eu comecei a tentar entender o lugar da rocha no cotidiano. Em que lugar a gente insere todos esses objetos que são naturais? A gente entra numa jazida de ferro e explora, leva isso para outros lugares e constrói outras coisas que são úteis para sociedade. Úteis entre aspas, né? Mas, enfim, onde eu conseguiria colocar o asfalto? A gente faz joia com as rochas, a gente usa em cremes faciais, faz rolinhos faciais! Os rolinhos faciais que eu tenho feito com asfalto são uma grande doideira, porque o asfalto é muito difícil de modelar, de lixar. Ele esfarela, é muito poroso, eu tenho que achar o asfalto certo para conseguir fazer aquilo ali, não é qualquer asfalto que eu consigo usar. Virou uma coisa meio cômica: eu vou fazer joia com asfalto, fazer produtos faciais com asfalto.

**PalavrAr-te:** *Você usa de uma forma diferente aquilo que a gente já vê pronto.*

**Fátima:** É, isso a geologia me proporcionou. A geologia é uma ciência da origem das coisas. Eu começo a pensar que a Geologia não é só sobre as coisas naturais, mas sobre a paisagem, sobre as construções que a gente faz.

**PalavrAr-te:** *Em seus textos, você usa o termo antropoceno para falar sobre como, um dia, a gente vai desaparecer e deixar uma marca, o que é muito presente na sua pesquisa. Eu nunca tinha me deparado com trabalhos que tratassem esse tema por uma perspectiva geológica.*

**Fátima:** A gente produz praticamente tudo a partir de coisas naturais que talvez nem virem mais coisas naturais no final do processo: derivados de petróleo, batom vermelho – tem chumbo –, essa mesa que a gente está sentada é uma mesa de mármore. A gente pega as coisas naturais e torna coisas “objetuais”. A gente produz essas coisas que às vezes têm função e que às vezes a função é só o consumo. Tudo isso é sobre vestígio; e por conta desse ímpeto que a gente tem em comprar as coisas.

Eu produzo coisas a partir dos asfaltos, eles me levam a pensar em tudo isso: sobre consumo e sobre a artificialidade que existe nas coisas. Tudo é muito artificial.



Lâmina de asfaltito.



Colar azul de nióbio com pingente de asfaltito

**PalavrAr-te:** *Na coleta os asfaltos, você considera o movimento que está fazendo, o lugar de onde você tira ou o lugar onde você os coloca?*

**Fátima:** Eles são todos catalogados. Eu sei de onde eu tirei cada amostra. Eu comecei a coleta na [Avenida] Brasil, mas hoje em dia eu pego em qualquer lugar. Tem um buraco na rua e o asfalto está solto? Eu pego! Eu não quebro nada. Até a galera começou a trazer amostras pra mim! (Risos)

**PalavrAr-te:** *O que a gente produz desencadeia muitas coisas – e produtos – e a gente não percebe.*

**Fátima:** As várias coisas que a gente faz – desde passar numa roleta de um ônibus, pagar um ônibus todo dia – são ações que produzem coisas maiores. Várias coisas acontecem porque várias pessoas compram a mesma ideia. Se todo mundo começasse a pular a roleta do ônibus, o que ia rolar? Se todo mundo começasse a catar asfalto, o que ia acontecer? Meu trabalho é sempre sobre algo coletivo, é uma tentativa de entender como funciona o coletivo.



**Asfaltitos catalogados**

**PalavrAr-te:** *Você tem algum dos seus trabalhos expostos na faculdade ou seus trabalhos são mais pensados para fora da universidade?*

**Fátima:** Eu gosto de trabalhar na rua. É o lugar onde, talvez, eu me sinta mais à vontade. Eu comecei a pensar nos meus trabalhos na rua. Eu fiz duas performances em Guadalupe, na rua principal. Uma galera chegava em mim e perguntava: “O que você está fazendo?”. Assim começava uma conversa, às vezes eu parava e ficava um tempão conversando com alguém. O território que estou construindo também se constrói em cima de mim. Se eu chegar pra fazer uma performance em Guadalupe e ficar de cara fechada, eu construí um território que é inacessível. Essa não é a minha intenção.

**PalavrAr-te:** *Sim. A ideia que nasce no ambiente acadêmico e a produção destinada aos museus e às galerias de arte, você transporta para outros ambientes e público.*

**Fátima:** Eu tenho esse interesse, de deslocar a arte desse centro, de deslocar a arte para fora do museu, sabe? Por mais que eu possa pegar o vídeo do trabalho que eu fiz na rua e colocar lá, o trabalho não tá acontecendo lá, aconteceu na rua. Você vai ver um registro. Se

you want to see it in person, you will have to see it on the street. You won't see the work in person, I won't tear down the outdoor and put it in a closed space. This doesn't interest me.



**Asfaltito na natureza**

**PalavrAr-te:** *É uma ocupação da cidade o que você faz?*

**Fátima:** É uma territorialização.

**PalavrAr-te:** *A colaboração de artistas oriundos das mais diversas realidades sociais é algo super enriquecedor em nosso meio.*

**Fátima:** O ENEM proporcionou uma outra vivência na universidade. Foram muito importantes as mudanças e toda a inserção que aconteceu dentro da universidade. É bem legal a gente começar a pensar outros tipos de coisas a partir de outras vivências e se deparar com questões que a gente tem que solucionar de uma outra forma.

**PalavrAr-te:** *Você sente que a universidade está aberta para as coisas que você produz e para os diálogos que constrói a partir do seu trabalho?*

**Fátima:** Sim. Por eu ter entrado no curso de escultura, não foi difícil eu conseguir discutir o que eu quero e inserir todas essas ideias. Quando eu entrei aqui eu não tinha a mínima ideia do que eu estava fazendo e do que eu estava escolhendo; foi uma escolha legal, porque é um curso bem aberto. Se eu quiser produzir escultura, eu vou produzir; se eu quiser produzir vídeo, eu vou produzir; se eu quiser fazer foto, eu vou fazer; se eu quiser pintar, eu posso pintar; é bem aberto. Nós somos diferentes e a gente vai abordar coisas diferentes, ter interesses diferentes. Vai ter gente que vai misturar arte com medicina, arte com biologia, arte com geologia,... O curso de escultura proporciona isso.

---

Entrevista realizada em maio de 2019.

**Contato da artista:**

[instagram.com/maedepett/?hl=pt-br](https://www.instagram.com/maedepett/?hl=pt-br)

PalavrAr-te: Paula de Souza (graduanda em Artes Visuais/Escultura da Escola de Belas Artes da UFRJ), Mônica Santos (graduanda e Letras/Português-Literaturas da UFRJ) e Natália Vieira (graduanda em Letras/Português-Literaturas da UFRJ).

Supervisão de texto: Anielá Improta França.